

Interação entre Universidade Educação Básica: Laboratório de Produção de Textos.

Ormezinda Maria Ribeiro (UnB)

RESUMO: O Fórum Permanente de Professores- FPP, constituído para estimular o crescimento pessoal e profissional de professores e alunos dos ensinos fundamental e médio, desde 1996 promove cursos de formação continuada, voltados aos interesses dos professores visando a melhoria da qualidade de ensino. Para propiciar ao professor de Língua Portuguesa a sistematização do conhecimento sobre a produção de textos, partindo da própria prática de produção de diversos gêneros textuais, relacionando-as às teorias que subjazem essa prática, a fim de que seus alunos possam escrever com criatividade e autonomia, esta proposta se caracteriza como uma ação integrada de ensino e extensão e é fruto de vários anos de pesquisa docente nas áreas de leitura e produção de textos.

RESUMEN: El Fórum Permanente de Profesores- FPP, creado para fomentar el crecimiento personal y profesional de los docentes y estudiantes de educación primaria y secundaria desde 1996, promueve cursos de educación continua, orientada a los intereses de los maestros para mejorar la calidad de la enseñanza. Proporcionar al profesor de portugués sistematización del conocimiento sobre la producción de textos, desde la práctica misma de la producción de géneros textuales diversos, relacionándolos con las teorías que subyacen a esta práctica, por lo que los estudiantes pueden escribir con creatividad y autonomía esta propuesta se caracteriza por ser una enseñanza integral y de extensión y es el resultado de años de investigación en las áreas de enseñanza de la lectura y producción de textos.

1. Introdução

O Fórum Permanente de Professores-FPP, surgiu com a implantação do Programa de Avaliação Seriada-PAS/UnB desde 1996. O CESPE/UnB por intermédio da Gerência de Interação Educacional, vinculada à Coordenadoria de Pesquisa em Avaliação, promove os fóruns constituídos com o objetivo de estimular o crescimento pessoal e profissional de professores e alunos dos ensinos fundamental e médio. O FPP promove cursos de formação continuada, voltados aos interesses dos professores, consolidando a concepção de trabalho conjunto e de apoio, pautado na troca de experiências, com implicações mútuas para a melhoria da qualidade de ensino.

Sendo um espaço de integração de saberes, o FPP instalou-se na perspectiva de se constituir como um fórum permanente de reflexões sobre o fazer pedagógico, pautando-se pela constante transformação.

Nesse prisma, tem a função mediadora, incentivadora e produtora de um conhecimento que possibilite ao educador uma prática pedagógica coerente com as necessidades de formação do professor, atuante e transformador da sociedade na qual está inserido. Assim, atento a sua missão de proporcionar uma formação continuada, entende que a educação deve servir para que as pessoas desenvolvam sua capacidade de sentir, de pensar, de criar, de assumir responsabilidades e adquiram de fato condições que garantam ao indivíduo uma autoformação permanente.

Nessa proposta, incorporamos os princípios da Gerência de Interação Educacional, os quais solidificam a idéia de que o professor de hoje deverá ser visto como aquele profissional que nunca se forma, que está sempre em constante formação. Aquele que se refaz a cada dia. Seu acervo de experiência desloca-se para além do saber-fazer, sobretudo, para o constante refazer. Admitimos como Demo (2000, p. 70) que o

profissional da educação é aquele que não somente executa sua profissão, mas, sobretudo, o que sabe pensar e refazer sua profissão.

Ensaçando sair da fragmentação disciplinar e, em busca de uma visão interdisciplinar, os cursos oferecidos pelo FPP, hoje, já se apresentam com um formato que procura sair dos limites da disciplina, do olhar especialista, para um enfoque mais amplo, menos fragmentado, em uma busca de um trabalho integrado. Essa integração é sentida, quando se verifica que a base da formação do educador não deve ser centrada no conhecimento de seu conteúdo específico, ou no domínio de métodos e técnicas, mas, sobretudo, na reflexão de seu fazer pedagógico, que possibilita a integração da(s) disciplina(s) e do tratamento da questão que está sendo proposta.

Pedro Demo (2000, p. 69), consciente dos caminhos da educação, afirma que existe a tendência de se acentuar no profissional só a qualidade formal. O que transparece, em primeiro lugar, segundo esse educador, é a especialização esmerada. Entretanto, lembra-nos que nos dias atuais paira a possibilidade do envelhecimento rápido de qualquer profissionalização e essa possibilidade determina que o diploma não significa mais uma conclusão, mas apenas o reconhecimento de que um estágio se encerra, enquanto outros se iniciam, sem fim. Ressalta, então, que se diplomar e voltar sempre a estudar possui hoje o mesmo peso para a competência profissional.

Guiomar Namó de Mello, em conferência proferida durante o 3º Seminário Internacional de Educação, realizada em Uberlândia, nos dias 25 e 26 de fevereiro de 2003, falando sobre o processo de formação de professores no contexto da organização escolar, enfatizou a importância de se estabelecer uma formação inicial com duração mais curta, seguida de uma formação continuada imediata. Essa ênfase, segundo essa educadora, é de fundamental relevância dado o momento em que estamos vivendo na educação básica, cujo desafio maior é o desafio da diversidade. Mello salienta que bem ou mal, a educação básica hoje é muito mais inclusiva do que foi historicamente, e que, portanto, a pedagogia brasileira terá de ser uma pedagogia que contemple as diversidades, caso contrário, continuaremos em crise. Se antes tínhamos uma escola que ensinava para a seleção, hoje temos uma escola que precisa ensinar para a vida. Temos, então, que propiciar a formação continuada do professor que se formou naquela e não nessa escola.

O professor de hoje deverá ser visto, então, como aquele profissional que nunca se forma, que está sempre em constante formação. Aquele que se refaz a cada dia. Seu acervo de experiência desloca-se para além do saber-fazer, sobretudo para o constante refazer. O profissional da educação é, portanto, não aquele que apenas executa sua profissão, mas, sobretudo, quem sabe pensar e refazer sua profissão, conforme ressalta Demo (2000, p. 70).

Ora, esse profissional esperado para os dias atuais não poderá, sem dúvida, ser visto como um profissional ideal, com características inatas que sobressaem instantaneamente no exercício de sua função. Há que ser tratado como um ser em permanente construção com interesses formativos que não sejam desconectados do sistema. Há que se criar e manter para esse profissional um espaço de constante reflexão para que também ele possa estar em formação permanente, constante e coerente com as mudanças por vezes lentas, por vezes radicais que o mundo em que está inserido apresenta. A ele e aos seus alunos.

Nesse caminho, entendemos reflexão identificando-nos com Pérez-Gomez (1985, 103), quando assegura que:

a reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico, científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento dos processos de reflexão se for integrado significativamente, não em parcelas isoladas da memória semântica, mas em esquemas de pensamento mais genéricos ativados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência.

Entendemos que a proposta de uma formação continuada deve estar embasada no apoio pedagógico que promova a reflexão sobre os problemas escolares, sem ditar normas, cartilhas ou modelos, de forma a privilegiar o desenvolvimento de uma linguagem crítica atenta aos problemas relacionados à prática de sala de aula.

Isso significa que os padrões de comportamento e a forma de operacionalização da escola têm que mudar. Até hoje a perspectiva da escola tem sido a de transmitir, por isso o foco de atenção da cultura escolar é dado ao ensino, na relação ensino-aprendizagem. A metodologia de ensino, reciclagem de professores para otimizar os instrumentos de como ensinar, instalação de kits multimídias têm sido apresentado como um esforço de mobilização das políticas em prol da educação. Isso sinaliza que o como e o que se transmite vem tendo preferência tanto nas políticas que regem a educação, quanto no micro espaço da ação educativa: a sala de aula.

Nesse sentido, o “Curso de Formação de Professores de Ensino Médio: Laboratório de Produção de Textos”, oferecido pelo Fórum Permanente de Professores, na Gerência de Interação Educacional do CESPE/UnB tem contribuído para pensar a educação num sentido mais amplo e menos fragmentado, pois é preciso integrar os conteúdos das aulas de Língua Portuguesa em situações práticas que coloquem problemas aos professores e lhes possibilitem experimentar soluções. Dessa forma, vivencia-se a formação humana e docente, fazendo da formação continuada condição para aprendizagem permanente, desenvolvimento pessoal, cultural e profissional.

2 Interação Universidade e Escola

Essa proposta visa atender à Programação 2010 do Fórum Permanente de Professores do CESPE e tem por objetivo a formação continuada de professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

Ensinar a língua numa perspectiva discursiva, como propõem os PCN de Língua Portuguesa, requer do professor a compreensão de saberes não só teóricos como experienciais que propiciem a didatização dessa abordagem, conforme explicitam Rojo 2002 e Perrenoud, 2002. Temos observado que a Universidade, ainda que ofereça um bom nível de formação inicial, não habilita os seus egressos ao trabalho com a prática de textos, de acordo com a proposta dos PCNs

Os autores de livros didáticos já vêm procurando inserir essa perspectiva nos trabalhos recentes, contudo, o que se observa ainda é a dificuldade do professor em didatizar esses conceitos em sala de aula. Há

um hiato entre as bases teóricas e a aplicação efetiva em sala de aula. Por mais bem formado que sejam os professores, eles ainda encontram dificuldades de fazer a transposição didática, aliando as pesquisas e estudos sobre os diversos gêneros textuais e sua realização na escrita.

A escola ainda não tem sido um lugar autêntico de circulação de diversos gêneros textuais, o que ainda se observa é a produção mecânica de textos que se configuram apenas como produções escolares. Mudar esse quadro é a perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais que, apesar de já terem completando mais de uma década, ainda não foram assimilados e efetivamente compreendidos no que se referem ao trabalho com a leitura e a produção de textos.

Diversas pesquisas sobre o ensino-aprendizagem de produção escrita enfatizam a importância de atividades de produção de textos na escola em situações concretas, reais e precisas. Esta abordagem permite colocar em prática os conhecimentos advindos das últimas décadas de pesquisa de campo da lingüística textual, da sociolingüística interacional e da pragmática que, em síntese, procuram dar ao texto uma dimensão textual-discursiva, centrada na interlocução (Brandão, 2000).

Ler e escrever são as atividades mais requeridas no cotidiano de trabalho. De acordo com Barros (1985), é no ato de escrever que se aprende a redigir e é essa a condição para se adquirir possibilidades mais amplas de participação social, o que só pode ocorrer autenticamente em situações de comunicação. Desenvolver a competência comunicativa do aluno envolve torná-lo consciente e atento ao processo de construção do texto. Nesse sentido, trabalhar a produção de texto em um curso de formação continuada é criar condições mais apropriadas para a produção da escrita, colocando a gramática em uma posição diferente da que usualmente vem sendo colocada nos cursos de língua portuguesa. Ela deve ser enfocada como um recurso com o qual o usuário se beneficiará para promover escolhas lingüísticas e não como um manual de regras a ser decorado e seguido, sem uma relação com o contexto em que é aplicada.

É preciso mostrar ao cursista os fatores que deve levar em conta para que possa aprimorar a qualidade de seu texto e de criar uma intimidade com a escrita, proporcionando situações autênticas de produção de texto, com as quais ele se identifique e possa se sentir familiarizado.

Assim, neste curso, busca-se a retomada das bases teóricas, a partir da prática, numa perspectiva que possibilite a análise das articulações entre a produção de diversos gêneros e as teorias que subjazem o ensino da produção textual.

Dessa forma, os professores cursistas se colocarão no papel de produtor de textos, nas atividades dinamizadas por meio de oficinas que servirão como base para a sistematização daquilo que já sabem intuitiva ou teoricamente. Espera-se que a partir das reflexões desencadeadas com a produção de texto e sua socialização no grupo, nos momentos das oficinas, os professores sistematizem os seus conhecimentos teóricos acerca dos gêneros textuais e se instrumentalizem para o trabalho em sala de aula.

Frente a essa realidade e aos novos paradigmas educacionais do mundo atual, que exigem a formação de profissionais cada vez mais abrangentes, e ainda, que sejam, sobretudo, comunicadores, que saibam fazer uso de sua língua com adequação para compreender e fazer-se compreender, propomos um curso de formação continuada que, fundamentado em uma teoria consistente, dê ênfase à prática, de forma a evidenciar as competências lingüísticas necessárias ao trabalho do professor de Língua Portuguesa,

apresentando as diversas possibilidades de produção de textos em vários gêneros e tipologias, de forma que o trabalho com a gramática seja compreendido, não como um fim em si mesmo, mas como um meio de se chegar a produzir e a interpretar textos com competência e autonomia.

3 Nossos Diálogos

Os conceitos e os princípios teóricos que norteiam esta proposta originam-se na Lingüística Sóciointeracionista, acrescentando-se as contribuições da Análise do Discurso (AD), a Lingüística Textual (LT), com ênfase nos estudos dos gêneros textuais.

Pela visão teórica aqui assumida, a leitura é reconhecida como um processo que transcende ao próprio texto. A compreensão do texto, que se pretende ideal, implica a percepção das relações entre texto, contexto e intertexto. A leitura, nessa concepção, não está presa somente à palavra, mas a todo um mundo subjacente a ela, que vai sendo construído, antes mesmo de sua convenção. O que é mister considerar também o que não é imanente ao texto, mas que o circunda, tecendo a sua rede de significações.

A partir do paradigma sóciointeracionista, a ênfase na apreensão de saberes metalingüísticos sobre a norma padrão e sobre as categorias formais da gramática cede espaço para as práticas de uso da linguagem — leitura/escuta de textos e produção textual — como eixos centrais do processo pedagógico. Nesta perspectiva, a reflexão metalingüística é apenas uma ferramenta de ampliação das competências lingüísticas empregada pelos professores para a reflexão em sua formação como usuário-sujeito da sua linguagem e dos seus saberes. O texto, dessa forma é visto como unidade de ensino e os gêneros textuais, representações das respostas às múltiplas necessidades humanas de interação lingüística, emergem como objeto de ensino (PCN, 1998;, 2000, 2002).

Assim, o estudo da gramática é proposto na perspectiva de sua organização estrutural, da sua tessitura na organização do texto, e que evidencia os elementos da língua, como os operadores discursivos e os itens lingüísticos responsáveis pelo estabelecimento de relações entre a língua e o pensamento, de como se articulam os mecanismos e traços lingüísticos que servem de suporte à construção do quadro da língua. Nesse enfoque, a gramática não será uma disciplina isolada, estanque e descontextualizada, mas percebida como integrante e constitutiva de um texto que se efetiva na forma de um gênero em uso, em determinada situação comunicativa.

Sabe-se que a boa formação dos textos passa pela gramática e não somente porque o texto é composto por frases que têm uma estrutura gramatical, mas porque é na produção lingüística que o falante joga todo o domínio dos processos de mapeamento conceptual e de síntese textual, dependendo, portanto, de uma “gramática” que proceda a essa organização. Assim, para se expressar bem em uma língua, é necessário mais do que o domínio do modo de estruturação de suas frases, é preciso saber combinar essas unidades sintáticas por meio de um agenciamento sintagmático, o que envolve a capacidade de adequar os enunciados às situações, aos objetivos da comunicação e às condições de interlocução. E isso tudo se integra na gramática.

Isso implica criar uma atitude que faz do ensino da gramática uma procura de coerência: as proposições estão em função de um significado, e devem ser interpretadas em função desse significado; as escolhas lingüísticas do autor não são aleatórias, mas são aquelas que, na sua visão, garantem a coerência de seu discurso e esse discurso tem uma forma na estrutura lingüística, o que deve ser percebido pelo estudante de gramática, não apenas decorado, ou repetido.

Como a escrita está intimamente associada à leitura, são processos simultâneos e interdependentes, ou seja, a leitura interage na escrita e a escrita interage na leitura, o cursista descobrirá que escrever significa operar escolhas lingüísticas de modo a expressar seu pensamento com organização, clareza e adequação, na modalidade escrita da língua.

Somente encarando o ensino da gramática como um processo simultâneo e concomitante ao ensino de leitura é que se poderá permitir ao cursista o desenvolvimento da habilidade de leitura crítica, ampliando sua capacidade de pensar e refletir, com conteúdos programáticos aprofundadores capazes de desenvolver plenamente sua competência comunicativa.

Nossa intenção é propiciar ao professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio a sistematização do conhecimento sobre a produção de textos, partindo da própria prática de produção de diversos gêneros textuais, relacionando-as às teorias que subjazem essa prática, a fim de que seus alunos possam

- identificar as diferenças e semelhanças na organização dos textos utilizados em diversos contextos de uso lingüístico;
- Relacionar gêneros textuais e competência sociocomunicativa;
- Identificar características que levam à classificação de um gênero textual.
- refletir sobre os usos e as funções da escrita nas práticas do cotidiano.
- produzir atividades de preparação da escrita, considerando a cultura local, a regional e a nacional.

4 Metodologia e Avaliação

O curso é realizado em forma de oficinas, nas quais o grupo inscrito refletirá sobre a prática de ensino da produção de diversos gêneros textuais, partindo das suas próprias atividades de produção, durante as 30 horas presenciais. Essa discussão é ampliada na Plataforma Moodle, nas horas não presenciais. A proposta é aliar a teoria à prática, numa reflexão dialética sobre a melhor forma de trabalhar a leitura e a produção de textos no Ensino Médio. O método utilizado na ministração das aulas é a produção de textos dinamizada pelo professor a partir de textos selecionados e tidos como adequados para a abordagem do gênero em destaque. Após a produção, individual ou coletiva, os textos serão socializados entre os grupos e, a partir daí desenvolvidas as atividades práticas de interpretação, reescrita de textos, de forma lúdica, criativa e interativa, durante os encontros presenciais. Nesses momentos a avaliação é processual e gradativa, levando em conta a participação e autoria dos cursistas.

O uso da plataforma Moodle se dá de modo a propiciar a integração entre as oficinas presenciais e as atividades não presenciais.

Dessa forma as aulas são ministradas de modo a favorecer a compreensão global sobre o assunto, partindo de uma sugestão temática que leve o aluno a produzir textos com criatividade e autoria, ancorados em um apoio crítico do professor-tutor, que se comportará como um leitor atento dos textos produzidos e postados na plataforma. Os textos produzidos individualmente serão corrigidos pelo tutor, sob a orientação do professor ministrante, com comentários que deem ao cursista a oportunidade de reflexão e a análise linguística pela reescrita de texto, privilegiando a manutenção do estilo do autor. Serão empregados vídeos, imagens e textos multimodais para a motivação da escrita, nos fóruns e demais ferramentas da plataforma Moodle.

5 Relação Ensino, Pesquisa e Extensão: à guisa de conclusão

Esta proposta se caracteriza como uma ação integrada de ensino e extensão e é fruto de vários anos de pesquisa docente nas áreas de leitura e produção de textos. Com a intenção básica de promover um ambiente de reflexão sobre a atuação dos profissionais da educação a partir da sua experiência docente, de forma a estabelecer uma interação teórico-prática que possibilite ao educador a contextualização de sua atividade com a realidade sócio-político e cultural da educação básica, alcançamos um objetivo maior que é o de levar os professores de Língua Portuguesa na Educação Básica e vislumbrar ações pedagógicas possíveis em seu trabalho com a leitura e produção de textos que preparem o estudante (candidato ao ingresso na Universidade) para escrever com autoria e criatividade. A pensar por escrito. .

6 Referências

- BARROS, Jayme. **Encontros de Redação**. São Paulo: Moderna 1985.
- BRANDÃO, H. N. **Gêneros do discurso na Escola**. (Org.), São Paulo: Editora Cortez, 2000.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**.4. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A.(Org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- PERRENOUD, Philippe; et al. **As competências para ensinar no século XXI – A formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**. Praticando os PCNs. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- ROJO, R. **Leitura e Escrita na Formação de Professores**. São Paulo: Musa, 2002. p. 31-52.

7 Algumas Indicações para Ampliação do Diálogo

- ABREU, A. S. **O design da escrita**. Redigindo com criatividade e beleza. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.
- ALVARADO PRADA, Luís E. **Formação de docentes em serviço**. In: Formação participativa de docentes em serviço. Taubaté, SP: cabral Editora Universitária, 1997.

- ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001.
- APPLE, M. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- APPLE, M. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARTHES, R. **Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARTHES, Roland. **Aula**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BEZERRA, A. M. , DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BRASIL.**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. (1999) Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discurso**. São Paulo: EDUC. 1999.
- BRZEZINSKI, Iria (Org.) **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 1997.
- CANDAU, V. M.; LELIS I A. **A relação teoria-prática na Formação do Educador**. Em Aberto, v. 1, n 8, p. 12-21, ago. 1982.Seção: Pontos de Vista.
- CANDAU, Vera M. “Formação continuada de professores: tendências atuais”. In: CANDAU, Vera M. (org.) **Magistério**. Construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHIAPPINI, Ligia (coord.) **Aprender e ensinar com textos**. Vol. 1. São Paulo: Cortez. 2000.
- CITELLI, Adilson Odair. **Conceitos de leitura**. São Paulo: Ática, 1990.
- CITELLI, Adilson Odair. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 1991.
- COROA, Maria Luiza Monteiro Sales. **Linguística, discurso e ensino**. Revista do GELNE: Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, Fortaleza: v. 4, n. 1/2, p. 45-48, 2002.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COLARES, MOYSÉS & GERALDI. **Educação continuada: a política da continuidade**. In: Caderno CEDES, n. 68. Campinas, Papirus: CEDES: 1999.
- COMBLIM, José. **A força da palavra**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento** (fundamentos epistemológicos e políticos). São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.
- COSTA VAL, M. G. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DELL’ISOLA, Regina L.P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Universitária, 1991.
- DELL’ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- FÁVERO, M. L. **Sobre a formação do educador**. A formação do educador: desafios e perspectivas. Rio de Janeiro: PUC, 1981.

- FÁVERO, L. **Coesão e Coerência Textual**. São Paulo: Ática, 1991.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, P. **A importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- GARCEZ, Lucília. **Técnicas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- GEERTZ, Cliford.; BEHRENS, Maria Aparecida; MASETTO, Marcos. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2002.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GERALDI, J.W. **Linguagem e ensino**. Exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- GIROUX, H. **Os professores como intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.
- GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GNERRE, M. **Linguagem Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?** São Paulo: Parábola, 2006
- ILARI, R. **A Lingüística e o Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, Paraná. Kaygangue, 2005.
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita**. São Paulo, Ática, 1993.
- KLEIMAN, A. **Texto e leitor**. Aspectos cognitivos da leitura. 7. ed. Campinas: Pontes, 2000.
- KLEIMAN, Angela B. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1989.
- KLEIMAN, Angela B. **Oficina da leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1993.
- KOCH, I. V., **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I., **Argumentação e linguagem**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- KOCH, I., **A Coesão Textual**, São Paulo, Contexto, 1989.
- KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTI, M. M. **Intertextualidade**. Diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, I. G. V TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1997.
- KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, L. C. **A Coerência Textual**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.
- LÜDKE, Menga (Coord.). **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papyrus, 2001.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Elisa D. A. de (Orgs.). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU 1999.
- MEC/SEF. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: 1999.

- MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19 – 36.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2. ed, 2008.
- MARQUES, S. C.; ELIAS, S. M. S.; CABRAL, A. L. T. (Orgs). **Interações virtuais: perspectivas para o ensino de língua portuguesa a distância**. São Carlos: Claraluz, 2008.
- MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma educacional emergente**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- MORAN, José Manuel. **Mudanças na comunicação pessoal: gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- ORLANDI, E. P (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.
- RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Janelas na construção da leitura**. Uberaba: Vitória, 2006.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. In: **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 47-51.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1985.
- SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.